

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: PER00001

Data: 05/01/77

Pg.: _____

Conflito de terras ameaça índios do Norte da Bahia

JOSÉ BARRETO DE JESUS
Enviado especial

Nos últimos dias, os índios da tribo Pankararé, de Brejo do Burgo—povoado situado na borda do Raso da Catarina, no município de Glória, Norte da Bahia—têm sido ameaçados de morte por posseiros que invadiram suas roças, cercaram e obstruíram algumas de suas poucas fontes de água doce, ameaçam fazer o mesmo com a fonte Grande—único manancial de água potável da região—e ainda tentam impedir a prática de seus cultos e rituais sagrados. A situação tende a se agravar com a posse do novo prefeito de Glória, José Manuel Braz, que foi apoiado em Brejo do Burgo por Artur Figueiredo, o posseiro mais poderoso e chefe político da área.

Sem reservas delimitadas e distantes quase 200 quilômetros do posto da Funai mais próximo (que está localizado em Brejo dos Padres, no município de Tacaratu, em Pernambuco), os pankararés não reagem com violência às invasões e ameaças dos posseiros, mas aguardam a proteção de seus deuses, da Funai e do Exército e confiam, acima de tudo, "na força e na união da nação".

Diante dos problemas que enfrentam, os pankararés reivindicam apenas a delimitação de uma reserva e a presença da Funai. Para isso, unem-se em torno da liderança de Ângelo Pereira Xavier, de 52 anos, uma espécie de "chefe", que tem por "capricho"—segundo diz—"trabalhar para ver um governo que dê cobertura ao sofrimento e humilhação dos índios". Com o agravamento das tensões entre brancos e índios, Ângelo manteve contatos com o professor e antropólogo baiano Pedro Agostinho, representante da Funai em Salvador, e agora aguarda uma prometida reunião entre representantes dos posseiros, dos

índios, da Funai e do Exército.

ANTECEDENTES

A origem dessas tensões são tão antigas quanto o início da convivência entre os primitivos habitantes da região e os pioneiros brancos que chegaram ao Brejo no começo deste século. O ano de 1967, entretanto, marca o agravamento da disputa das terras, quando houve um conflito, em torno de limites de roças, entre Benevides Figueredo dos Santos, irmão de Artur e atual subdelegado de polícia na região, e um velho índio—Zeferino, hoje um dos principais sacerdotes (xamas) da nação.

Na época, Zeferino foi pedir ajuda ao posto da Funai em Brejo dos Padres, onde vivem os pankarus, parentes dos pankararés. O representante da Funai seguiu até o local do conflito e foi acompanhado por alguns pankarus, que procuraram revitalizar entre os pankararés o culto do Toré—uma dança sagrada que, segundo eles, tem o poder de unir, fortalecer e dar prosperidade à nação. Contudo, nesse mesmo ano, Artur Figueiredo assumiu a Prefeitura de Glória e passou a proibir os índios de dançarem o Toré, alegando "prática de curandeirismo, fanatismo e rebeldia para tomar as terras que pertencem aos brancos".

Contam os índios que nesse período muitos foram presos e levados para a cidade, suas crianças ficaram proibidas de estudar nas escolas da Prefeitura e os terreiros de Toré foram destruídos. Diante desse último fato, alguns de seus líderes foram a Paulo Afonso pedir ajuda ao Exército e conseguiram que a dança fosse liberada. Em 1973, tomou posse como prefeito um bisneto de índios, Idalcio Farias, inimigo político de Artur Figueiredo. Idalcio, que frequentava o Toré, reabriu as duas escolas municipais aos filhos dos pankararés e, apesar das ameaças que diz ter sofrido dos brancos, tornou-se "um defensor dos in-

teresses dos caboclos junto às autoridades maiores".

TERRAS DEVOLUTAS

As terras de Brejo são todas devolutas, mas, sob a interferência do professor Pedro Agostinho e a pedido da Funai, o Estado não titulará as terras da região antes de uma profunda análise da situação, a ser feita pelo Ministério do Interior. As divergências entre brancos e índios chegam a incluir a origem do nome da localidade. Para o índio Zeferino, de quase 70 anos, "Burgo vem de Bugriá, um mestre, um índio encantado que primeiro chegou à região e descobriu a fonte Grande". Já o posseiro Artur Figueiredo, de 72 anos, cita um antigo professor da cidade e afirma, sem muita convicção: "O Brejo foi chamado de Burgo porque aqui era dos burgueses".

Os pankararés fazem questão de chamar os brancos de "civilizados" e estes, por sua vez, os denominam "caboclos" e se recusam a aceitá-los como índios. "São uns descendentes de escravos, rebeldes, mentirosos e preguiçosos"—esbravejava Figueiredo quando era prefeito. Atualmente ele nega que queira cercar a fonte Grande e impedir os índios de utilizá-la, mas admite que um outro poço foi entupido porque "os caboclos estavam fazendo sujeira e roubando a cerca".

No Brejo do Burgo vivem perto de 2.500 pessoas, das quais cerca de 1.100 são índios em avançado estado de aculturação, mas quase todos analfabetos, vivendo basicamente da agricultura de subsistência e da caça. Nessa região de poucas chuvas e muito calor, as fontes de água doce são vitais para a sobrevivência dos pankararés, mas constituem, hoje, o principal motivo de conflito entre brancos e índios. O recém-eleito prefeito de Glória, José Manuel Braz, demonstra total desinformação sobre os problemas de Brejo do Burgo. "Nunca fui lá e não sei o que se passa"—declarou.